

Apresentação e resumo

Artigo: A falácia sobre a Educação

Tema: Crítica às questões políticas relacionadas ao investimento em educação no Brasil.

Resumo: Este texto é uma crítica ao discurso do senso comum sobre a necessidade de investimentos em educação no Brasil. Procuo demonstrar argumentativamente que esse não é o melhor caminho para resolvermos de forma comprometida e definitiva as grandes questões sociais de nossa nação. Argumento sobre a realidade socioeconômica, cultural e política do país, apresento um outro caminho e convido o leitor a assumirmos a responsabilidade para a construção de uma nação melhor.

Palavras-chave: Educação. Política. Crítica.



Edição Independente nº 001.1¹
Rio de Janeiro, 21~30 de junho de 2017.
Pedro Figueira Almeida Alves
www.pedrofigueira.pro.br

A falácia sobre a Educação

Investir em educação não é a solução para o Brasil.

Isto é mentira: "*Para o país melhorar, é necessário investir em educação!*". É uma falácia² que, por ser repetida inúmeras vezes, tornou-se arraigada no pensamento coletivo e no senso comum.

Este texto nasce após um longo período de divagações sobre como iria expor meus pensamentos acerca desse assunto por um lado delicado, por outro lado de grande interesse social. A vontade de confeccioná-lo vem de longa data, juntamente com minha informal defesa oral. Mas agora que curso Especialização em Docência urge-me a necessidade de sistematizá-la e pô-lo em papel.

Sendo um profissional de Educação, vejo meus colegas defenderem um imediato aumento do investimento governamental em nossa área, assim como o defende o resto da sociedade, seja pela imprensa, seja pelo homem do povo. É consenso que o país precisa investir em educação agora para "ter um futuro melhor" ou "tornar-se um país melhor". Máximas diversas com esse argumento em comum multiplicam-se e são grassadas³: "*Um país sem educação não tem futuro!*"; "*É preciso formar os jovens para o amanhã!*"; "*Se quisermos crescer como nação, precisamos investir em escolas!*"; etc.

Creio não ser necessário expandir meu relato desta parte. É de amplo conhecimento em nossa sociedade todo o discurso feito sobre o assunto, todas as necessidades apresentadas e todos os problemas lamentavelmente encontrados nas instituições de ensino do país.

Então o que me leva a afirmar que o investimento em Educação não é a solução para o Brasil? O que me leva a afirmar veementemente que esse pensamento é uma grande falácia? Apresentarei a seguir alguns argumentos em forma de tópicos, premissas para fundamentar minha conclusão.

1ª Parte – Das afirmações do senso comum.

Antes de exercer qualquer juízo⁴ sobre algo, é necessário entender melhor a coisa julgada. Convido o leitor a seguir minha linha de raciocínio para a análise das afirmações citadas há pouco. Segundo o dito, o senso comum acredita na idéia de que, somente com um investimento pesado em educação, mudaremos a realidade de nosso país. Mas por que se diz isso?

Não é de hoje que sabemos os professores do país têm uma condição de trabalho precária. Documentos do século XIX⁵ já mostravam que os professores reivindicavam melhores condições de trabalho e dependiam quase totalmente do governo. Essa realidade que se arrasta por séculos, por si só, já demonstra a manutenção de um sistema de dominação por uma elite social com amplo acesso a recursos sobre uma

¹ Versão publicada em 11/12/2020. Revisão de gramática, ortografia e pontuação; acréscimo de notas; e clarificação de períodos.

² Enunciado falso que tenta se passar por verdadeiro.

³ Difundidas por reprodução, como demonstrarei neste caso, irrefletida.

⁴ Juízo de fato consiste na constatação da verdade sobre o fato. Juízo de valor consiste na interpretação de atributos contingentes. Juízo de fato: "Está chovendo.". Se chove, é verdadeiro; do contrário, é falso. Juízo de valor: "A chuva é bela.". Atribuem-se valores, qualidades ou noções e se faz um julgamento subjetivo sobre tais.

⁵ Um artigo com informações úteis é "Os professores e seu papel na Sociedade Imperial", de André Paulo Castanha e Marisa Bittar. Departamento de História da Unicamp.

população pobre e mal instruída. Um povo sem instrução é um povo que não pensa por si, logo se torna submisso ao poder constituído que pensa em seu lugar. Não quero entrar em detalhes nesse tema para não fugir do assunto principal deste argumento, que é o interesse direto dos professores.

Nossa população é em geral mal instruída, sem acesso à boa educação formal ou não-formal⁶. Dessa forma ocorre grande carência de informações e o não exercício do senso crítico. Afinal, como criticar algo que não se sabe? Como comparar se não há outras referências? Como desenvolver o juízo sobre a vida assim?

Conseqüentemente, devido a esse despreparo, a grande massa deixa-se levar pelas noções do senso comum⁷, sistema de pensamento em que não há críticas ao conhecimento estabelecido.

Uma dessas noções é a de que aquele que estudou sabe mais do que aquele que não estudou. Isso faz bastante sentido, é quase evidente. E, se sabe mais, pode decidir melhor sobre o que fazer. Isso é fácil de exemplificar: em uma ação qualquer da vida cotidiana, se a pessoa não sabe como agir ou o que fazer, pede ajuda a quem sabe, seja um amigo de confiança⁸, seja um profissional. E agirá segundo o que lhe for instruído. Isso não parece errado e de fato não o é! "*Quem tem boca, vai a Roma!*" Se não sabe, pergunte. Esta é a mais banal situação em que adquirimos conhecimento: perguntando a quem sabe.

Cogitemos então: o que ocorre quando o detentor do conhecimento tem interesse pessoal sobre um determinado assunto?

a) O interesse do professor e sua conseqüência social.

Observemos a situação da grande massa. Somos uma sociedade mal instruída. Os índices de educação são deploráveis⁹. Mas nada está perdido. Sabemos (senso comum) que precisamos estudar! E desde a tenra infância somos educados por nossos pais ou responsáveis sobre o professor: "*Ele estudou, logo, ele sabe mais que a gente.*". Os pais ensinam às crianças a escutarem o que o professor tem a dizer¹⁰. Isso é mais evidente nas áreas pobres no interior do país, onde os professores são mais respeitados pelos pais dos alunos.

Considerando o já exposto, que os professores vivem historicamente uma situação precária em seu trabalho e têm seus interesses pessoais e econômicos premindo suas inclinações (como qualquer outro grupo profissional em nossa realidade¹¹), é de se esperar que tendam a apoiar projetos ou iniciativas que contemplem suas necessidades particulares.

⁶ Ambientes formais de educação são estruturados, como escolas e faculdades. Neles há uma função definida e um modo de trabalho com a finalidade de educar os usuários. Ambientes não-formais também servem como fonte de informação, mas não há estruturação pedagógica. Esses ambientes têm como finalidade a educação, mas não são organizados sistematicamente. Exemplos: bibliotecas, museus, planetários, zoológicos, jardins botânicos etc.

⁷ Uma boa definição de senso comum é: "*Designa o conjunto de opiniões e valores que são correntes numa dada sociedade. Trata-se de um nível de conhecimento que é subjetivo, muito superficial, pouco crítico e não sistemático. O senso comum está ligado ao processo de socialização. O modo como vemos o mundo foi profundamente moldado pela cultura na qual crescemos. O grupo social a que pertencemos transmitiu-nos tradições, costumes, crenças, em suma, tudo aquilo que modela a nossa atitude natural face às coisas. Estas estruturas não apenas condicionam a nossa maneira de pensar e agir, como determinam as nossas expectativas de comportamento dos outros.*".

Professor Carlos Fontes, <http://www.filorbis.pt/filosofia/CONCEITos1.htm>.

⁸ "Em que acredita." Tenho uma conceituação diferente entre "confiar" e "acreditar". Defendo que não é possível "confiar" em outra pessoa, pois não há ligação direta. Só é possível confiar em si mesmo ou na divindade ("em Deus"). Não desenvolverei essa questão filosófico-teológica aqui. Para facilitar a leitura, uso o termo em sua conotação popular. Sou muito atento à denotação das expressões que uso em meus textos.

⁹ Uma breve pesquisa na *internet* é suficiente para encontrar os pífios índices e resultados da educação em nosso país. Este é um exemplo de "O Estado de São Paulo", jornal de grande circulação:

<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-60-colocado-em-ranking-mundial-de-educacao,1686720>

¹⁰ Ou ao menos deveriam ensinar...

¹¹ Pretendo no futuro escrever sobre o individualismo na sociedade brasileira como sendo a mais grave questão de nosso país e, ao meu ver, a origem de praticamente todas as mazelas sociais em que nossa população afunda.

Ou seja, professores têm partidos. Acreditam em idéias ou ideologias. Pensam e têm estômagos. Vontades e interesses. Apóiam alguém.

Mas há um diferencial muito peculiar no caso dos professores, que é a capacidade de multiplicar informação e formar opinião. Nenhum outro profissional (exceto os envolvidos com veículos de imprensa¹²) é capaz de multiplicar suas idéias em tamanha escala quanto um professor. Em seu trabalho, sua voz não se restringe apenas à sala de aula, mas se propaga por toda a comunidade à qual pertence. Isso é evidente, bastando observar sua realidade de trabalho. Exemplifiquemos:

Um professor pobre vai dar aula num subúrbio. A sala abarrotada com 50 alunos ou mais pertencentes a uma "classe"¹³ econômica também desprivilegiada. Insorto¹⁴ nessa situação, o professor compartilha suas necessidades com os alunos e afirma que determinado candidato político, ou ideologia, ou movimento social, ou o que seja é bom para todos eles.

Selecionemos o exemplo do candidato político. Os alunos então voltam para suas casas e contam o que o professor falou: "que o candidato A é quem vai resolver nossos problemas". E de 50 alunos passam a 100 pais e a um sem-número de familiares, amigos e conhecidos que acreditarão também nisso, pois "o professor estudou, ele sabe mais que a gente, logo está certo".

E o candidato A, que prometeu durante sua campanha que iria reformar a escola, é eleito. Certamente o candidato B, que falou que não iria investir em escolas, não terá a mínima chance.

Espero ter conseguido fazer entender com esse simples exemplo um primeiro argumento contrário à idéia generalizada da necessidade do investimento em educação. Este argumento funda-se na não imparcialidade da autoria do pleito. Uma parte considerável dos defensores são os próprios profissionais de educação, que por razões diversas (as quais não entrarei em detalhes aqui) defendem seus próprios interesses. Ou seja, quem defende tem interesse pessoal na coisa.

b) O interesse político por detrás da péssima educação no Brasil.

Professores têm uma posição social interessante do ponto de vista de serem os detentores de conhecimento e, concomitantemente, os maiores multiplicadores de informação. A partir dessa noção, passo agora a analisar o interesse político sobre essa posição estrategicamente privilegiada.

Não me parece muito difícil compreender que, para a manutenção do poder, é muito mais fácil manter as coisas como estão. Essa noção maquiaveliana¹⁵ funcionava séculos atrás e continua funcionando hoje em dia. A humanidade não evoluiu tanto quanto acredita. Ao serem passivamente transformados em instrumentos para a manutenção de um *status quo* social que, ironicamente, desejam mudar e agem para isso, os professores tornam-se peças-chave para a submissão de si próprios.

Conforme mencionei, há séculos os professores no Brasil reclamam de suas aviltantes condições de trabalho. E políticos prometem que a situação melhorará investindo em educação. E nada muda. Ora! Não é necessário ser um gênio para perceber que algo há de errado nisso! Afirmo que essa manutenção da necessidade dos professores e dos profissionais de educação em geral é desejada, planejada e esperada justamente pelas condições mencionadas no argumento anterior.

¹² Aqui tomada como sinônimo de grande mídia.

¹³ Nomenclatura marxista impregnada no linguajar cotidiano; exemplo de gramscismo. (nota acrescentada na versão 1.1)

¹⁴ Imerso, inserido, inserto. Não confundir com o italiano "insurgente".

¹⁵ Ver meu livro "Introdução ao estudo de 'O Príncipe' de Maquiavel".

Conservar a funcionalidade de um grupo, cuja objetificação e aplicação instrumental é tão útil para o controle das massas, por meio de domínio constante e contínuo, é estrategicamente conveniente para a manutenção do poder.

Partindo dessa premissa, é óbvio que, enquanto houver professores em situação de carência, haverá multiplicadores de votos favoráveis¹⁶ a quem se mostrar disposto a ajudá-los. Mesmo que nada venham a fazer efetivamente para melhorar as condições de trabalho dos professores ou melhorar o sistema educacional como um todo. Não devemos nos esquecer de que os grupos sociais que se mantêm no poder tão somente revezam o papel de protagonista (situação) e antagonista (oposição). Na realidade de nosso país, e este texto refere-se exclusivamente à nossa própria realidade, partidos políticos não seguem ideologias, cargos são moedas de troca e a corrupção alastra-se por todo canto. Na prática, o Grande Oligopólio¹⁷ meramente discute quem terá mais controle sobre o Estado. Para isso, revezam também seus discursos, suas defesas e posições. Nisso inclui-se o diálogo com as organizações de professores e profissionais de educação.

Não há interesse real em resolver de fato a situação da educação ou a dos professores. Pois com a manutenção do problema, mantém-se também o instrumento multiplicador funcionando a favor dos interesses oligopoliais. Pelo contrário, é interessante do ponto de vista político que a situação dos profissionais de educação continue igual, para que possam continuar prometendo resolver o problema no futuro. Uma promessa que não há qualquer interesse em ser cumprida.

E nisto funda-se meu segundo argumento correlacionado a este tema: a repetição do discurso por parte das entidades que se mantêm no poder é intencional. É afirmado e reafirmado que a educação é a solução para os problemas sociais; e se repete indefinidamente o mesmo discurso já conhecido sem que ele seja acompanhado de ações efetivas para a concretização das promessas. É o que chamo de "manutenção da esperança".

c) A manutenção da necessidade e da carência da população.

Essa manutenção das necessidades e carências não se dá apenas para o grupo dos professores. Afinal, mesmo com sua posição estratégica, os profissionais de educação formam apenas um (mais um) grupo social dentre tantos. O mundo está em constante transformação. Vivemos hoje na Era Tecnológica e da Informação. E a aflição¹⁸ em controlar o que os outros pensam ora recai sobre quem há muito se acostumou a ditar o pensamento das massas...

Essa manutenção do *status quo* ocorre por meio do empobrecimento generalizado da população. A falta de recursos e uma qualidade de vida lastimável também funcionam como mantenedores de uma condição social submissa aos interesses políticos e econômicos dos grupos dominantes. Enquanto se mantém a população pobre, ela não possui acesso a outros recursos, dentre eles informações. Isto é muito importante de ser salientado: hodiernamente, informação é um recurso tão importante quanto qualquer outro material. Produzimos e consumimos informação de todo tipo. Científica, artística, privada etc. A grande troca de informações possibilitada pela tecnologia de informação e comunicação (TIC), o *big data*¹⁹, as redes sociais, tudo isso apresenta novos desafios para quem antes controlava unidirecionalmente a informação.

Antes, a grande mídia produzia a informação e a massa a engolia pela TV. Hoje, cada indivíduo pode produzir sua informação e publicá-la para o mundo todo, como eu mesmo estou fazendo agora. E também podemos escolher a informação que queremos acessar, bem como procurar ativamente o que for de nosso

¹⁶ Não apenas no sentido eleitoral, mas também de voz favorável a ideologia, conceito, movimento, grupo político etc.

¹⁷ Como chamo o conjunto de forças políticas e econômicas que controla o Brasil.

¹⁸ Pretendo no futuro escrever sobre como a mídia corporativista controla e manipula as notícias e as ideologias.

¹⁹ Termo em inglês que se refere à grande quantidade de dados circulantes na rede mundial de computadores.

interesse pessoal. Porém, para poder fazer isso, são necessários recursos, em primeiro lugar, e conhecimento, em segundo lugar. Ou seja, é necessário ter acesso a dispositivos e saber manuseá-los.

A população mais carente não tem nem um nem outro. A manutenção de um quadro de subdesenvolvimento socioeconômico e intelecto-cultural dificulta o livre acesso à informação, mantém a população dependente de informações que lhes sejam entregues (após serem previamente selecionadas), e assim mantém sua percepção da realidade restrita ao senso comum. À idéia de que o professor é quem sabe mais. E completa-se o ciclo.

Note que não estou me referindo aqui tão somente à população paupérrima. Refiro-me à população de um modo geral. A manutenção da imbecilização generalizada do povo abrange todas as camadas sociais. Claro que, quanto mais enriquecida, maior a disponibilidade de instrução e, conseqüentemente, a possibilidade de desenvolvimento de senso crítico. Podemos lembrar a velha anedota: "*Por que não passa comercial de Limusine na televisão? Por que quem anda de Limusine não assiste à nossa televisão!*". Programas policiais mantêm o medo generalizado na população²⁰. "*Cenas de lascívia, de luxúria, de sexo quase explícito*"²¹, fofocas e amenidades tiram o foco das notícias principais da sociedade e do mundo. Notícias alteradas e manipuladas fazem parte do propósito de manter a massa intelectualmente dependente e acrítica. E com isso potencializar o sistema de alienação e controle²².

Voltando ao argumento principal, não basta apenas manter a condição socioeconômica dos professores precária. É necessário também manter a escassez de recursos e o controle das informações sobre a população. Uma dessas ações ocorre por meio da mídia de massa, que literalmente entorpece a população. A manutenção do *status quo* em ambos os lados facilita o uso do argumento favorável aos grandes investimentos em educação como solução para os problemas sociais de nosso país.

E este é o fundamento deste terceiro argumento, o de que a manutenção da carência intelectual do povo também contribui para a manutenção da falácia sobre a educação. De um lado, os professores e suas necessidades. De outro, uma população acrítica que acredita irrefletidamente nas informações que lhes são passadas.

E todos clamam por mais Educação.

2ª Parte – Mas afinal, o que é educação?

Vejo que as pessoas observam e julgam o mundo de modo muito superficial e não verificam o que elas mesmas afirmam ou defendem. Muito se fala sobre a importância da educação e da escola, mas pouco se pondera sobre o tema. Vejo essa reflexão ocorrer somente dentro do próprio meio acadêmico-profissional. Conforme expliquei na parte anterior, as faltas de informação e de exercício do senso crítico levam aqueles que não perscrutam o assunto ou perquirem expertos à repetição irrefletida de discursos conhecidos e acreditados como verdadeiros. Fala-se do professor, da escola, da educação. Mas... Qual é o papel do professor? Qual é o papel do aluno? Qual é o papel dos pais? Há papéis mesmo? Afinal, o que é a escola? Para quê ela serve?

²⁰ Já escrevi sobre isso de forma jocosa no texto "Bala na bunda alheia é refresco". Ver: <http://pedrofigueira.pro.br/2015/10/04/bala-na-bunda-alheia-e-refresco/>

²¹ Conforme Dr. Enéas Carneiro, Roda Viva, 1994. (nota acrescentada na versão 1.1)

²² Parece-me que somos mantidos no limiar: podemos melhorar de vida enquanto estivermos gerando mais e mais riqueza ao Grande Oligopólio. Mas não podemos crescer o suficiente para ameaçá-lo. Durante os últimos ciclos governamentais muitos saíram da pobreza extrema, e muitos melhoraram sua qualidade de vida. E quando tudo ia bem e o povo começou a requisitar cada vez mais direitos (exemplificado pelas grandes manifestações de 2013), entramos em uma grave recessão, voltando desemprego, inflação e outros velhos conhecidos da população. Até que ponto isso é coincidência? Aí já começa a soar como teoria de conspiração... |:^\|

Antes de iniciar esse estudo, gostaria de deixar clara a diferenciação entre educação e instrução. A partir de agora, começarei a discriminar e correlacionar alguns conceitos, fatos e juízos, e creio ser necessário explicá-los, pois sinto que, por vezes, a interpretação incorreta de minhas defesas advém porque "falamos línguas diferentes". Até agora tratei Educação como sendo apenas o conjunto de ações públicas ou privadas com a intenção ou o propósito de fornecer instrução formal aos indivíduos. Essa é a noção mais comum. Doravante acrescentarei nesse conceito o exame sobre a participação coletiva nos processos educacionais e a importância das aprendizagens informais à sua composição. Quero demonstrar que a Educação não ocorre somente nas escolas: ela é fruto da colaboração de todos os membros da sociedade. Do governo, da escola, da comunidade, dos pais e do aluno.

a) Vamos diferenciar Educação de Instrução.

A Educação pode ser dita um processo contínuo de instrução formal, não formal e informal²³, no qual a pessoa que está sendo educada recebe/busca/obtem informações acerca de algum assunto. Os assuntos que podemos aprender não são limitados ao conhecimento acadêmico ou científico. O comportamento social (etiqueta e boa conduta), o conhecimento técnico (operacionalização e metodologia), a erudição (acúmulo de cultura) e o conhecimento de vida (saber viver) são todas formas variadas de educação. Sob essa perspectiva, ela é o conjunto de todas as aprendizagens que um indivíduo tem ao longo de sua vida. Mas há outra forma de interpretarmos o que é educação, que ocorre ao se contrapor civilidade ao conhecimento formal escolar-acadêmico.

Um exemplo muito simples é o do Professor Doutor Pesquisador Acadêmico Laureado que sabe tudo de tudo, mas trata os demais com rudeza. É inegável seu elevado grau de instrução, sua eloquência, sua intelectualidade. Contudo, mesmo não questionando seus saberes, questionamos sim seu comportamento: "*De quê adianta saber tanto, se não cumprimenta o porteiro?*". Dizemos que ele é mal-educado, não obstante sua excelente formação e instrução. Vejamos agora o outro interlocutor. Assumamos que o porteiro do exemplo, apesar de ser um homem pobre e mal instruído, aprendeu com seus pais a tratar todos os demais agradavelmente, sempre com um sorriso, e a saber como se portar em diversas situações sociais. Sem ter tido acesso à escola (observemos nossa própria contradição) diremos que ele é um homem bem-educado, mas que não teve Educação.

Nesse caso, a tomamos como sinônimo de Instrução, conceito que consiste no processo de aprendizagem de algum assunto/tema/conhecimento específico, com um objetivo predeterminado. O processo formal de ensino é organizado/estruturado por meio da sistematização da instrução. Essa sistematização ocorre inicialmente por meio da seleção de conteúdos, isto é, daquilo que se deseja saber ou se deseja ensinar. Em seguida, dá-se a preparação do aprendiz, aplicando-se variadas metodologias de acordo com o caso, de modo a ensiná-lo a utilizar instrumentalmente esses saberes para fins específicos. Resumindo: é a capacitação ou preparação formal.

Uma vez bem definido o conceito de Instrução, definirei o conceito de Educação dentro desse contexto. Educação então consiste no conjunto de valores, virtudes e modo comportamental de um indivíduo. Trata-se da gentileza, cortesia, civilidade, bom porte e bom comportamento apresentados no convívio social. Enfim, boas maneiras. Ao leitor, neste ponto do texto, pode parecer uma definição boba, todavia é muito importante que eu a saliente, pois será a base de um argumento futuro:

²³ Em acréscimo às noções de educação formal e não formal, a educação informal é aquela que ocorre sem que haja a intencionalidade de repasse de informações. Uma conversa com alguém, ler um jornal, descobrir algo novo, por exemplo. Educação informal é aquela que acontece todos os dias, quando aprendemos alguma coisa nova, sem que haja sistematização dessa aprendizagem. É um processo permanente e não organizado.

Bom dia, boa tarde, boa noite, com licença, por favor, obrigado, me desculpe, perdão, pois não, por gentileza, de nada, olá tudo bem, por obséquio²⁴, grato, não tem de quê... Isso não é etiqueta, isso é educação. Educação se aprende em casa, não na escola.

Matemática, Física, Química, Biologia, Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, História, Geografia, Filosofia, Artes.²⁵ Isso não é educação, isso é instrução. É o que o professor ensina.

O professor é um auxiliar na educação dos jovens, não seu principal ator. Essa função é da família.

b) A função social da escola.

Bem sabemos que "*as crianças devem ir à escola*". Esse é o senso comum. Por sinal, com o que concordo totalmente, afinal é verdade que "*alguma escola ainda é melhor que a não-escola*"²⁶. Mesmo que a escola a que se tenha acesso seja muito ruim, imprópria para uma boa instrução, inadequada às necessidades dos educados e educadores e sem recursos suficientes para seu bom funcionamento. Essa infelizmente é a realidade da grande maioria das escolas de nosso país²⁷.

Mas para quê serve a escola? Se fosse apenas para aprender Português e Matemática, bastaria comprar um bom livro didático e estudar em casa. Talvez até pedir auxílio a um explicador²⁸. Se fosse apenas para ter um diploma ou um comprovante de que estudou, bastaria apenas fazer prova. Os cursos supletivos existem para isso mesmo: você estuda por conta própria, faz algumas aulas para revisão ou para cumprir carga horária e passa por uma avaliação para averiguar se sabe ou não determinado conteúdo. Hoje em dia, também há a opção de fazer o Encceja²⁹, que serve como comprovante de conclusão do Ensino Médio.

Então é para quê? Passar o tempo com os coleguinhas? Sair da cola dos pais e deixá-los respirar por algumas horas? Pegar piolho? Aproveitar a merenda (quando tem)? Gastar dinheiro público? Enlouquecer os professores? A resposta para a pergunta "*Para que serve a escola?*" pode ser encontrada analisando o contexto em que a escola como conhecemos surgiu.

Este ponto do texto não é uma pesquisa histórica detalhada sobre as escolas. Não é esse meu objetivo. Quero apenas contextualizar a instituição "Escola" para poder focar em sua função social e, a partir disso, argumentar que o mero investimento na mesma não é a melhor solução para os problemas que ora vivenciamos em nossa sociedade.

Já na época de Platão e Aristóteles, os homens se reuniam para discutir suas descobertas e seus pensamentos. Escreviam suas obras e as compartilhavam entre si. Surgiam assim os primeiros grupos de estudo e a origem dos nomes "Academia" (do grupo de Platão) e "Liceu" (do de Aristóteles). Ao longo do tempo, por todo o mundo, esses grupos de estudo foram aos poucos se estruturando em instituições de ensino, nas quais o conhecimento foi sistematizado em disciplinas e o processo de instrução ocorria a partir de professores que repassavam seus conhecimentos aos alunos.

²⁴ Essa é antiga! |:^D)

²⁵ E obviamente também: Educação Física, Ensino Religioso, Educação Sexual, Prendas do Lar, Moral & Cívica e OSPB para uma formação integral. Mas para fins de argumentação, deixei-os de lado.

²⁶ Conforme Dr. Enéas Carneiro, Roda Viva, 1994.

²⁷ E surpreendentemente as melhores escolas do país hoje são do Ceará.

²⁸ Pessoa que profissionalmente ou não trabalha como professor. Normalmente alguém que, fora do ambiente escolar, auxilia crianças com dificuldades de aprendizagem.

²⁹ Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos. Esse exame substituiu o Enem em 2017 como forma de comprovação de saberes equivalentes ao Ensino Médio. Até 2016, bastava fazer o Enem para comprovar os estudos. Daí o governo descobriu que muita gente o fazia só para ter a certificação e resolveu criar mais uma coisa para atrapalhar.

À medida que o tempo foi passando, as mudanças sociais ao longo da História influenciaram tanto a organização e os conteúdos lecionados quanto os objetivos da escola. As escolas foram usadas como instrumento de doutrinação religiosa, por exemplo. Durante certo período na Europa, as escolas funcionavam como disseminadoras do cristianismo. O Islã também utilizou escolas assim. O processo de laicização do Estado e a complexa questão da liberdade religiosa geraram a discussão sobre a prática do Ensino Religioso, que ainda perdura atualmente.

Mais modernamente, as escolas se adaptaram às novas necessidades sociais conseqüentes da Revolução Industrial, ainda que mantendo uma estrutura bastante similar: professores detentores do conhecimento ensinando e instruindo alunos. Foi nessa época que, para lidar com a nova realidade, começaram a surgir a educação em massa e o desenvolvimento de novas metodologias didáticas³⁰. Contemporaneamente novos estudos e reflexões acerca do processo de ensino e aprendizagem desenvolvem outras técnicas e abordagens de educação adaptadas à Era da Tecnologia e Informação.

A organização da escola evoluiu ao longo do tempo, sempre com o objetivo de torná-la mais eficiente e útil às necessidades de sua época. Contudo a função da escola, seu motivo de existir, sempre se manteve a mesma. Observe que a escola se desenvolveu como um instrumento de doutrinação. O conhecimento detido por um número restrito de pessoas é repassado para um número muito maior. Mas, uma vez que o conhecimento depende desse repasse, a seleção do que será ensinado e de como será ensinado atende aos interesses de quem ensina (ou no mínimo de quem controla o ensino).

Durante muito tempo, bastava ensinar as crianças a ler. Escrever era desnecessário, pois elas estavam sendo educadas/instruídas a repetir informações, e não a produzi-las. Ler era uma capacidade muito bem vista socialmente, mas escrever era tido como desnecessário. Até mais tarde, antes da Era Industrial, era comum que o professor tivesse apenas uns poucos alunos por turma. O ambiente educacional era diferente, havia maior relação mestre-discípulo. Conforme as mudanças econômicas exigiram a capacitação de um maior número de operários, surgiu a educação em massa: salas repletas de alunos, segmentação de disciplinas e padronização dos processos de avaliação. Essa divisão das disciplinas e a metodologia unidirecional persistem até a contemporaneidade, quando, com o acesso a informações generalizado, a escola perdeu boa parte de sua função centralizadora na divulgação de saberes e idéias. Todavia ela ainda representa o local onde esses conteúdos são trabalhados, estimula o modo como são abordados, e atua ativamente na seleção do que deve ser considerado mais importante. Ou seja, o onde, o como e o quê. Em todos esses casos, a escola continua servindo, de um modo ou de outro, como instrumento de doutrinação.

Ensinar crianças a ler e não a escrever é o exemplo mais claro disso. Não havia o estímulo ao pensamento reflexivo. E, concordemos, ainda não há... Elas se tornam adultos que não produzem idéias, apenas introjetam as de outrem. Doutrinação religiosa é outro exemplo claro de controle sociocultural. Ensinar a massa de trabalhadores a operar maquinário fabril (ler e entender instruções das máquinas, saber calcular os dados para fazer funcionar o equipamento) é suficiente: não é necessário ensiná-los a questionar sua condição social, nem dar-lhes idéias insurgentes. Hoje, muito se fala em "*aprender a aprender*". Ensinar alguém sobre "*o modo certo de aprender*" me soa particularmente muito (muito) estranho...

Segundo Foucault afirma³¹, a escola é apenas mais um instrumento de exercício de poder e controle. A criança aprende a ser membro de um grupo, de uma massa, perde sua individualidade e se inclui num sistema de vigilância das ações e dos espaços. É-lhe dito o que fazer, como fazer e quando fazer. Nela, a criança é adestrada a obedecer a ordem estabelecida e a submeter-se à figura da autoridade constituída, no

³⁰ Muito importante citar o Método Lancaster e sua capacidade de multiplicar conhecimento básico. (nota acrescentada na versão 1.1)

³¹ Ver: "Vigiar e Punir: o nascimento da prisão" e "Microfísica do poder". Quem disse que não cito outros autores? | ^D

caso o professor, tal como no futuro encontrará o chefe da fábrica, o chefe da empresa, o superior militar etc. O mesmo se dá em hospitais, prisões etc. nos quais há uma doutrinação de subordinação e subserviência à hierarquia. Tudo começaria com o adestramento das crianças na escola.

E esta é a função primária da escola: servir como instrumento de controle social.

Calma! Não saia por aí queimando as escolas, leitor revolucionário! Não é só isso!!!

Como todas as outras microorganizações sociais, a constituição da escola reflete a história, o tempo e a macroorganização de seu povo. Ela não é somente um instrumento de dominação da elite detentora dos recursos e do poder em um determinado contexto. Ela também é produto da cultura e dos valores de sua sociedade.

Os conteúdos (matérias, valores, disciplinas, ideologias, conceitos, princípios, saberes) que são selecionados para serem ensinados são aqueles que, à sua época, julgam-se serem os mais importantes para a formação dos indivíduos. Do mesmo modo que antes as crianças eram adestradas à conformidade, atualmente esses valores estão sendo ultrapassados, e a sociedade contemporânea, em suas mudanças, está selecionando novos valores a serem transmitidos aos jovens, tais como independência, pensamento crítico e criativo, inteligência emocional e muito mais.

A função maior da escola é servir como instrumento de replicação ou reprodução da sociedade. Não de sua materialidade, claro, pois tanto as pessoas quanto os espaços são efêmeros no tempo. Refiro-me à manutenção de sua ideologia, seu modo de ver o mundo, sua perspectiva. À continuidade daquilo que se julga ser o melhor caminho a ser tomado. Ao selecionar valores, conceitos, conteúdos, aquilo que seria o mais importante para ser ensinado, elege-se um recorte da realidade que se considera ser o melhor para o próprio futuro e para a continuidade de sua própria existência. E a escola também não deixa de servir como instrumento de desenvolvimento social. Projetar, isto é, planejar para o futuro, não só a manutenção do que é bom, mas também a mudança do que é ruim.

Exemplificarei essa mudança com uma comparação entre duas realidades da sociedade brasileira não muito distantes temporalmente, relacionadas à existência da escravidão. Antigamente os valores sociais eram outros: antes era considerado normal submeter outra pessoa a trabalhos forçados, tomá-la como uma propriedade. Isso já vinha de séculos e séculos atrás. Na vida, os jovens eram ensinados a lidar com os escravos. Nas escolas, ensinava-se conforme a realidade de uma sociedade escravocrata. Então a sociedade mudou, os valores mudaram, e a noção entre certo e errado também. Hoje a escravidão não apenas não é mais aceita, como também é ativamente combatida. Presentemente é ensinado exatamente o oposto, valores que desejamos prossigam nas gerações futuras. E, tal como antes, as novas mudanças sociais abrem sempre novas discussões.

Essa escolha dos conteúdos a serem ensinados, dos valores a serem transmitidos, se dá pela participação de toda a sociedade, ativamente ou passivamente, independentemente da capacidade ou poder de escolha de seus membros. É evidente que essa escolha será influenciada muito mais por quem detém o poder em determinado contexto social. Entretanto, no tempo presente e em nossa realidade brasileira, isso não exime de responsabilidade os demais, tampouco lhes priva o direito de questionar. Vivemos numa época em que podemos nos expressar livremente. Com esse direito, vem o dever de usá-lo bem e de contestar aquilo que julgamos incorreto, inadequado ou com o que não concordamos.

Exemplificarei com o caso recente do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Durante a última década, a orientação política do governo teve grande influência nas discussões ideológicas estimuladas em todas as partes do país. Questões como o "politicamente correto", "ideologia de gênero", "cotas raciais" e outras se

tornaram temas corriqueiros. Ao que consta nos jornais, no referido instituto, os pais dos alunos reclamavam que os professores estariam doutrinando ideologias alcunhadas "de esquerda" nos estudantes³². Após várias polêmicas, o grupo de pais assumiu o controle administrativo da instituição e determinou alterações no paradigma de ensino dela³³.

Com esse exemplo, procuro demonstrar a importância da participação da comunidade na educação dos jovens. A família é tão importante para a boa educação integral do jovem quanto a escola, pois é no seio familiar, núcleo e unidade mais básica do corpo social que forma o Estado, em que se constituem os valores do indivíduo. O "bom dia, boa tarde, boa noite". A educação de fato. Essa educação, isto é, os valores e os conceitos, é que será o fundamento sobre o qual a instituição de ensino poderá enfim instruir os jovens nas mais diversas matérias da vida (conteúdos formal e informal).

É somente consoante à constituição dos valores sociais que a escola pode trabalhar adequadamente, considerando que é necessário a qualquer construção que haja solidez em suas fundações. A participação dos pais dos alunos no processo de educação dos filhos; a vigilância de suas famílias ao que acontece nas instituições educacionais e aos valores que são passados aos estudantes; a contínua observância por parte da comunidade ao exercício das atividades escolares e sua adequação, ao rendimento e ao desempenho dos alunos; a organização e fiscalização governamental com fins de um bom funcionamento institucional. Não é possível termos uma boa educação dos jovens sem a participação de toda a comunidade. A escola é um agregador, um ambiente no qual toda a sociedade de hoje participa ativamente da construção da sociedade futura. Ou ao menos deveria participar...

Defendo que os valores vêm da família; que as ideologias vêm do Estado e da comunidade; que, pois, a educação não é responsabilidade somente das instituições de ensino. Ela é responsabilidade da sociedade como um todo. E no contexto sociocultural presente, a participação da comunidade é fundamental para o bom e efetivo processo educacional dos jovens.

Mas e se a sociedade não tiver condições de constituir uma boa educação?

Essa questão representa o argumento desta segunda parte: investir em escolas (referindo-me por metonímia ao sistema educacional nacional como um todo) tão somente por investir, sem que haja correspondente consciência da comunidade sobre a função da escola e a sua própria responsabilidade na educação dos jovens, equivale a fortalecer a aparelhagem de controle social em favor daqueles que já exercem domínio sobre a massa. Em lugar de promover as mudanças sociais pleiteadas conforme as mudanças no tempo, intensifica-se um instrumento de poder e de controle, e, pelo contrário, aplicamos inconscientemente e inseqüentemente esforços e recursos para sustentar exatamente o que queríamos mudar. Sem a participação da comunidade e da família, a escola perde parte de sua função, que é a de promover a melhor ideologia para o futuro, e restringe-se a servir como instrumento de manipulação da sociedade. Não basta investir em escola. Temos que investir na sociedade.

³² Ver: <http://epoca.globo.com/educacao/noticia/2017/03/procuradoria-entra-com-acao-contra-colegio-pedro-ii-e-psol.html>

³³ Não encontrei referências imparciais. Como não faço apologia a nenhum lado, não coloco nada aqui.

3ª Parte – Como é a realidade educacional no Brasil?

E, convenhamos, a sociedade brasileira é um lixo. Eu tenho uma série de críticas à ideologia dominante de nossa população, mas a apresentarei em uma próxima oportunidade. Por hora, basta ressaltar o seguinte: eu acredito que para cada corpo social, de acordo com sua história e cultura, há soluções diferentes para problemas similares. Que aquilo que funciona para uma sociedade não necessariamente funciona para outra. Não há uma panacéia para o mundo. Cada grupo deve encontrar seu próprio caminho.

Neste artigo, procuro apresentar uma proposta de abordagem que julgo³⁴ ser mais eficiente do que a ora acreditada: que a educação escolar resolverá os problemas do país. Afirmo que esse não é o melhor caminho para o Brasil, não é adequado às suas necessidades e à sua realidade. Limitar-me-ei apenas à questão da educação no Brasil, todavia creio que o desenvolvimento a seguir demonstre a interligação das outras questões sociais. Diferentemente das duas partes anteriores, opto por expor meu argumento antes de suas fundamentações. Creio que seja mais fácil assim para desenvolver o tema.

Meu argumento: para que as crianças e os jovens tenham uma boa instrução escolar, eles precisam previamente estar aptos a recebê-la, ou seja, estar bem condicionados³⁵ e educados. Afirmo isso segundo minha percepção e entendimento da realidade. Considero que investir em educação escolar sem previamente ter resolvido questões sociais mais importantes é uma incorreta estipulação de prioridades, que resulta em desperdício de tempo e recursos, verificável pelos resultados deficientes exibidos até agora, sendo, portanto, exemplos de má gestão administrativa³⁶.

É inviável / ineficiente / inestratégico / imbecil investir em educação escolar antes de resolver os problemas socioeconômicos atuais, pois a educação em si é um projeto, isto é, um plano para o futuro, e exatamente por isso não serve para resolver os problemas presentes. Uma vez que os problemas socioeconômicos brasileiros dificultam ou até mesmo impedem a realização de uma boa Educação em seu sentido integral, isto é, educação e instrução, defendo que primeiramente devemos resolvê-los de forma firme e definitiva, para assim, em seguida, podermos focar esforços adequadamente / eficientemente / estrategicamente / inteligentemente num projeto nacional de Educação.

a) As necessidades das crianças, dos pais e dos professores.

Não adianta ampliar o acervo da biblioteca se o único interesse do aluno for o refeitório. Não adianta ter um (1) computador por aluno se na casa dele não há energia elétrica. Não adianta ter belíssimos banheiros em pedra mármore se ele não sabe usá-los porque na casa dele não tem latrina. Não adianta ter livro didático novo todo ano se o aluno não tem uma casa onde lê-lo, ou se os pais não incentivam o estudo e a leitura. Não adianta ter todas as salas climatizadas e com retroprojetor se a violência não deixa a escola funcionar. Não adianta ter quadra poliesportiva se o aluno não pode brincar, pois foi espancado pelos pais. Não adianta ter professores trilingües em todas as matérias se os pais não ensinam o "bom-dia, professor". Antes da instrução, eles precisam ter boa educação. Assim como, antes da escola, eles precisam exercer o direito de serem crianças e jovens³⁷.

³⁴ Defino minha própria filosofia como "pragmatismo ideológico": a busca pela maximização da eficiência dos processos, incluindo os mentais e abstratos. Postura que se reflete em minhas defesas, esta inclusive.

³⁵ Não me refiro à doutrinação (ser condicionado a), e sim a "ter condições a" (estar alimentada, vestida, saudável, bem disposta, feliz). Escola deve ser um lugar de felicidade e alegria, um espaço onde a criança e o jovem possam se desenvolver e ser felizes, aprendendo e descobrindo o mundo. Aprender na escola deve ser algo bom, não uma obrigação qualquer. A escola deve ter a função de instruir e educar, e não servir de depósito de gente para ser adestrada e tolhida.

³⁶ Não sou formado em Administração. Meu conhecimento é básico. Afirmação baseada em observação de resultados.

³⁷ Só devem ter duas ocupações: estudar e brincar. Qualquer outra coisa é matéria para a vida adulta. Trabalho, contas, preocupações, resolver problemas etc.

Não é possível ter uma boa educação escolar se você não tem onde morar. Crianças e jovens de rua estão mais ocupados tentando conseguir algo para comer (por vezes no lixo) e um pouco de água para beber do que em pensar em matemática. Em obter dinheiro, seja por vontade própria, seja por exploração pelos pais, do que em ler um livro. Crianças e jovens de rua estão mais interessados em sobreviver à violência que encontram em suas casas e na rua para onde fugiram do que em geografia. Crianças e jovens de rua estão mais interessados em saber como enfrentarão o frio da madrugada ao relento, sendo alvos fáceis de qualquer malfeitor, do que em história contemporânea. Crianças e jovens de rua estão mais interessados em saber como aquele cara com fuzil consegue comprar de tudo, enquanto elas não têm comida, roupa nova e limpa, respeito. Crianças e jovens de rua querem um lugar para ficar, comer, tomar banho, brincar. Crianças e jovens de rua têm assuntos mais prementes em suas mentes que ir à escola.

Não é possível ter boa educação sem acesso a água potável e saneamento básico. Não é possível prestar atenção na aula quando se está com dor de barriga por causa do cólera³⁸ ou qualquer outra doença. Não é possível estudar direito quando se tem que caminhar horas por dia atrás de água, ou ajudar a família a encher baldes num carro-pipa. Não dá para entender o professor falando de saúde quando se tem esgoto correndo a céu aberto num valão em frente ao seu barraco.

Não é possível ter uma boa educação escolar tendo que ajudar os pais no roçado, no mercado ambulante, na lida, ou pedindo esmolas. Não é possível prestar atenção na aula quando se está com fome. Não é possível dar valor à educação escolar, se a função da escola não é servir a instrução, mas sim "a única refeição do dia". Quando se vai à escola não para estudar, mas sim para comer.

Não é possível ter uma boa educação escolar se a criança e o jovem precisam pegar jumento, dois barcos e um pau-de-arara³⁹ caindo aos pedaços para chegar à escola. Eles já chegam tão cansados pelas horas de viagem que não conseguem dar atenção à aula direito. Não é possível ter uma boa educação escolar se eles só podem ir uma ou duas vezes na semana, por não terem condições ou meios para chegar à escola todo dia. Isso se ela abrir todo dia. Eles não conseguem acompanhar a aula, o professor não consegue acompanhar o aluno, a escola não consegue acompanhar a vida.

Não é possível ter uma boa educação se não puder chegar à escola porque o traficante proibiu todo mundo de sair de casa, ou mandou fechar a escola mesma. Não é possível ter uma boa educação se a aula não é de ditado, mas sim de evitar bala perdida escondendo-se embaixo da carteira. Não é possível ter uma boa educação se o jovem está preocupado não com as guerras dos livros de história ou de literatura, mas se seus próprios pais voltarão para casa ou morrerão no caminho. Não é possível ter boa educação se a partitura da aula de música é o silêncio do medo. Que valores se ensinam a uma criança ou ao um jovem, se a própria vida não tem valor algum?

Não é possível fornecer boa instrução escolar aos filhos, quando você tem que escolher entre pagar uma conta atrasada ou comprar material didático. Entre levá-lo para trabalhar consigo ou não conseguir comer naquele dia. Não é possível dar boa instrução aos filhos se sua maior preocupação é comprar remédios, enfrentar a fila do posto de saúde, cuidar de um doente em casa, ou acompanhá-lo num hospital público e ter que vigiar se injetarão o remédio errado.

Não é possível acompanhar a educação dos filhos se você passa o dia inteiro fora de casa trabalhando para sustentar a família. Quando você leva 6 horas por dia no trânsito de uma grande metrópole e não tem tempo de vê-los acordados, pois sai antes de eles acordarem ou chega após eles dormirem. Não é possível dar bem educação aos filhos se você precisa deixá-los aos cuidados de outros, em creches, em escolas, em abrigos. E não esqueçamos: também não é possível dar educação aos filhos, quando os pais mesmos nunca a tiveram, nunca lhes foram ensinados valores, nunca lhes foi ensinada moral, nunca lhes foram ensinadas boas maneiras. Só se dá o que se tem.

³⁸ Doença hoje muito rara no Brasil, mas ainda usada como exemplo de doenças contraídas pela falta de saneamento básico.

³⁹ Precário e perigoso transporte coletivo do interior. Consiste em qualquer veículo onde caibam várias pessoas, que serão transportadas sem segurança.

Não é possível dar uma boa aula a crianças famintas. Elas não têm condições de escutar ou dar atenção ao que se fala. Não é possível dar uma boa aula a um jovem faminto. Sua fome por comida já se tornou fome por respeito, que já se tornou raiva do mundo. Ou você o educa e tenta resgatar um cidadão, ou tenta em vão instruí-lo em uma matéria que ele não entende e não sabe para que serve. Não há tempo para fazer ambos em 40 minutos de aula.

Não é possível dar uma boa aula a um aluno doente. Principalmente se essa doença for evitável com um filtro d'água, uma fossa séptica, comida limpa⁴⁰.

Não é possível dar uma boa aula a crianças com medo. Uma criança com medo é uma das mais tristes e revoltantes imagens com a qual um homem de bem por vezes deve lidar. Para um professor infantil, não é diferente. Elas também terão medo do professor por ser um adulto, tal como do pai bêbado que bate nela, do assaltante que matou a mãe, do tio que a molesta sexualmente. Ela precisa de psicólogo e não de professor. Não é possível dar uma boa aula a um jovem com medo. Já mais "antenido", como eles mesmos dizem, ele está mais preocupado em saber se o pai ou a mãe vai ser assaltado no ônibus; se for moça, se será estuprada na esquina; se for rapaz, se atirarão mesmo sem ele reagir durante o assalto que já tem certeza de que acontecerá. Um adolescente que vivencia isso vai querer saber de físico-química? De mitose, fotossíntese e organelas? Há outras prioridades para ele.

E para finalizar este segmento: eu não sou adepto do Coitadismo⁴¹. Eu não sou marxista, não sou "esquerdista", muito menos "coitadista". Sou contrário ao discurso insistentemente repetido na atualidade de "ser oprimido"⁴²; de que "as mazelas sociais são frutos da opressão"; de que "os oprimidos não têm escolha"; de que o "comportamento desviante"⁴³ dos menores infratores não é responsabilidade deles mesmos; de que eles são apenas "vítimas da sociedade capitalista opressora". A vida pode ter suas dificuldades, mas uma coisa não justifica outra. Pobreza não justifica mau caráter.

b) Não é possível dar uma boa aula a animais.

Sou um homem privilegiado por ter um emprego próximo de casa no qual dou expediente em horário alternativo. Não transito na hora de pico do trânsito no Rio de Janeiro, nem cubro longas distâncias. Sem ter recursos financeiros no momento, não tenho carro próprio (o que nem vale a pena para quem mora aqui na capital), e desloco-me principalmente por condução viária (ônibus). Dentre essas benesses, há, entretanto, um infortúnio: freqüentemente uso ônibus no horário de saída de escola.

Como em tudo salvo exceções, não são crianças ou jovens, aquilo é uma horda de animais. Mesmo os pequenos são malcriados (literalmente "mal-criados"). Não há qualquer respeito pelos outros (do próprio grupo ou fora dele); xingamentos, ofensas e palavrões tornaram-se um dialeto próprio; "brincam" (se é que se pode chamar isso de brincadeira) de portar armas feitas de papel, simulacros com os quais mesmo policiais poderiam se confundir. Depredam patrimônio público, destroem ônibus, sujam tudo. E as poucas mulheres (não sei se parentes) que os acompanham (quando acompanhados) nada fazem para contê-los ou educá-los. Por vezes, agem ainda pior. E como uso as mesmas linhas usadas pelos meliantes que participam dos recorrentes arrastões na Zona Sul, volta e meia tenho que conviver com eles gabando-se de seus assaltos e de como nada lhes acontece.

⁴⁰ Isso é tão básico que não consegui encaixar esse período em nenhum outro parágrafo...

⁴¹ Corrente filosófica apedêutica contemporânea do "pode tudo", desde que seja politicamente correto e não oprima os outros. Por "opressão" entenda qualquer coisa contrária ao discurso "esquerdopata".

⁴² Que na área de Educação foi em muito influenciado por Paulo Freire em sua "Pedagogia do oprimido".

⁴³ Expressão jurídica muito bonita usada em discursos formais referindo-se à prática de delitos; é o "fazer merda".

Conheço relatos de vários professores, amigos inclusive. Leio os noticiários. Generalizou-se. Alunos ofendem verbalmente e até fisicamente seus professores, desdenham do sistema educacional, não tem o menor interesse nas aulas. E, se reclamamos com os pais, eles ainda os defendem, como se nós professores tivéssemos responsabilidade por sua inépcia em educar os próprios filhos. É como se o Brasil visse os professores como salvadores da pátria, da moral e dos bons costumes. Jogam os jovens dentro das escolas e os professores que se virem. "*Educa aí...*" Não é assim que funciona! Como vou educar uma pessoa que me xinga e me bate sabendo que nada vai lhe acontecer? Não posso puni-la; a escola não me defende; os pais não se importam; e fica tudo por isso mesmo⁴⁴. E assim se perde também o trabalho de instrução, que, conforme disse, deveria ser o ofício principal do professor.

Tento até ser otimista em favor desses jovens: essa malcriação (ou má-criação) é em grande parte responsabilidade de seus pais ou responsáveis. Afinal, eles são os responsáveis por ensinar os valores básicos e a boa conduta a seus filhos. Outra parte responsável é a sociedade como um todo, pois é nela que se formam os valores a serem passados aos jovens; é a sociedade que reflete nos jovens as conseqüências de suas escolhas coletivas. E a última parte responsável é o Estado. Efetivamente sendo o representante da sociedade perante si mesma, é com auxílio (e por vezes intervenção) do Estado que organizamos a educação dos jovens, seja em casa, seja nas escolas. Mas você vê que uns já são bandidos. Criminosos. Já escolheram seus destinos: cemitério ou cadeia. Não têm mais recuperação.

Vivemos hoje numa sociedade em que se pode de tudo. Liberdade sem responsabilidade. Disciplina e respeito são "coisas caretas". Inversão total de valores familiares, valores morais, valores sociais. Perda completa dos referenciais. Falta de bons exemplos. Anestesia da sociedade com relação à realidade. Como esperam que isso possa ser resolvido bastando apenas investir em escolas?

c) A definição de prioridades

*A primeira coisa a fazer para resolver um problema é admitir que ele existe.
A segunda coisa a fazer para resolver um problema é identificar sua origem.
A terceira coisa a fazer para resolver um problema é eliminar sua origem.*

Até aqui nada de novo, mas serve como exemplo de estabelecimento de prioridades. E esse é o princípio orientador desta minha proposta. Creio que a principal falha obstrutiva à solução definitiva, e não meramente anódina e paliativa, da questão da Educação do Brasil e, por extensão, de todas as outras questões, seja a incorreta escolha de prioridades pelos administradores do Estado, bem como pela sociedade como um todo.

O Estado como sistema de organização e administração da sociedade reflete os anseios, os valores e as prioridades dos governantes (que podem ou não estar em sintonia com a população). No caso do Brasil, conforme expliquei na primeira parte, a qualificação de "solução milagrosa para os males do país" atribuída à Educação faz parte de um programa de manutenção de poder. Construiu-se artificialmente esta grande falácia: que investir em Educação é a melhor (ou única) forma de estimular o progresso do país e resolver suas questões sociais.

Afirmar que essa argumentação é tendenciosa, por em muito ser defendida por pessoas diretamente interessadas em tais investimentos (profissionais de educação), que também são multiplicadores de informação e formadores de opinião. Tendenciosa por ser defendida também por grupos políticos que vêm na manipulação dos profissionais de educação uma ferramenta de controle do poder. E que a manutenção dessa falácia se dá também pela população leiga, inconscientemente, por falta de informação e de senso crítico, sistematicamente desestimulado pela mídia e pelo governo.

⁴⁴ A situação é tão grave que virará lei: <https://revistapontocom.org.br/materias/palmatoria-justa> Chegou-se ao ponto de legalizar o professor recorrer à delegacia. Afinal, somos professores ou agentes penitenciários?

Na segunda parte, conduzi o leitor à reflexão do que é a Educação, apresentei a diferença entre "boa educação" e "educação escolar", e procurei explicar qual é a função social da escola. Nesse momento, apresentei um segundo argumento: o de que a Educação é feita em conjunto, uma soma de ações da escola e da comunidade. Frisei a importância da participação da família e da comunidade no processo educacional dos jovens, na construção e no debate dos valores morais e das normas de boa conduta. Desse modo, fundamentei o argumento de que investir somente em educação escolar não é suficiente, afirmando que a boa educação, que é a educação para a vida em si, a moral e os bons costumes, é tão importante quanto a primeira na formação do jovem.

E nesta terceira parte apresentei no primeiro segmento o que considero serem impossibilidades (empecilhos) para o eficiente desempenho de uma boa educação formal, seja escolar, seja moral. O Brasil encontra-se afundado em um lodaçal pútrido socioeconômico e sociocultural. Houve melhora significativa na economia do país, saímos da pobreza extrema, mas isso ainda não é suficiente. Há grande disparidade econômica entre os grandes e os pequenos centros urbanos, o acesso aos recursos é muito mal distribuído e ainda há focos, chagas, de paupérrimas condições nos rincões mais interioranos e nos subúrbios mais esquecidos das grandes metrópoles.

Dentre os maiores males sob a responsabilidade do Estado, a economia, a violência, a saúde, a desorganização urbana e a desordem civil são os mais impactantes hoje para a implementação de um eficiente e comprometido sistema educacional escolar em grande escala. Defendo que enquanto essas questões sociais e administrativas não forem definitivamente resolvidas (extirpadas deveras), todo esforço despendido em outros setores, Educação inclusa, será inócuo.

Dentre os maiores males sob a responsabilidade da comunidade e da família elenco: a inversão de valores morais; a irresponsabilidade na criação dos jovens; a falta de princípios sólidos; a permissividade e tolerância à criminalidade e à corrupção em todos os níveis; e a insensibilidade individualista e egoísta que permeia os relacionamentos sociais. Defendo que enquanto esses desvios culturais não forem definitivamente eliminados, não teremos definido a nossa Ideologia Nacional, aquilo que vale a pena ser passado às futuras gerações. Não teremos o que de bom ensinar.

Reconhecidos os problemas, proponho uma nova abordagem. Peço ao leitor que tenha em mente não ser este artigo um manual de governança. Tenho sim minha própria Teoria Geral do Estado (e TGE aplicada ao Brasil), que cobre os tópicos a seguir minuciosamente, mas neste momento a apresentação pormenorizada dos mesmos é dispensável, bastando apresentar as linhas gerais⁴⁵.

Julgo que a Educação é a última coisa necessária a desenvolver em nosso país. Considero a Educação um projeto para o futuro e, repito-me, ela não serve para resolver os problemas atuais. Pelo contrário, como explicarei na próxima parte deste texto, investir em Educação nas condições em que o Brasil se encontra equivale a fomentar a reprodução de um modelo repugnante de sociedade.

⁴⁵ As fundamentações para a minha defesa de que a reorganização do país não pode ser baseada na vontade popular derivam diretamente de minha crítica à ideologia dominante no país. Parte dessa crítica será brevemente descrita na próxima parte deste artigo.

Proponho que a solução definitiva para a Educação no Brasil (e tudo o mais) inicie-se por uma Revolução Cultural, concomitantemente seguida por uma Reorganização Social.

A primeira etapa consiste num período de transição cujo cerne seja a instauração da Disciplina⁴⁶. A indisciplina é a origem dos problemas administrativos no Brasil. É assim hoje e assim continuará se não mudarmos. Sem disciplina, continuaremos indefinidamente com a sensação (e a convicção) de que nada funciona no Brasil. Sem ela, nada poderá ser bem feito. Mas pessoas acreditam que ela restringe a liberdade. Tolice! Ela é um instrumento para aproveitar melhor a vida, para nos organizarmos melhor e extrairmos o máximo do tempo que temos à nossa disposição. A ordenação da organização administrativa em busca da eficiência pragmática dos processos deve ser uma doutrina⁴⁷ imposta⁴⁸, sobre toda a população. "Choque de ordem" não funcionará. É necessário que seja feito aos poucos.

Após um breve período inicial de mudança de cultura da população brasileira, segue-se um período de Reorganização Social. É preciso não ficarmos apenas nos discursos. Seguindo a Revolução Cultural que proponho, que consiste em disciplinar os processos subjetivos e abstratos (administrativos e organizacionais), vem então a concretização ou materialização dessa ideologia pela Disciplinação dos Espaços. O controle inteligente do uso dos espaços e da distribuição dos recursos, por si só, já supriria a maior parte das necessidades e carências de nosso país. Esse controle inteligente se dá por reformas, umas muito debatidas pela população e outras talvez nem cogitadas. São necessárias a Reforma Agrária, a Reforma Urbanística, a Reforma dos Transportes e a Reforma Logística Nacional.

Com a consolidação da disciplina tanto da administração, como também do uso dos espaços e da produção, distribuição e uso de recursos, funda-se uma sólida estrutura sobre a qual é possível construir uma nova sociedade econômica e consciente; na qual saúde, segurança, trabalho e livre iniciativa, e por fim a Educação sejam debatidos amplamente pela sociedade.

Nisto encerro minha proposta. Os setores sociais interagem tal como um castelo de cartas ou um dominó. Se uma peça cair, tudo desmorona. A relação entre os fatores é de interdependência e interligação. Não me parece adequado administrar independentemente cada questão social, pois elas fazem parte de um mesmo todo. Defendo que a abordagem deve ser sistêmica e não partitiva. A atual abordagem por meio de programas governamentais sazonais, especulativos e oportunistas é somente um conjunto de ações paliativas desconexas, como uma colcha de retalhos mal cerzida, que meramente mascara a continuidade de um problema não solucionado em sua origem.

Defendo ser necessária uma política pública forte, técnica, intervencionista, doutrinária, disciplinadora e humanitária para reorganizar todo o corpo social brasileiro com vistas a construirmos hoje, e não amanhã, a sociedade que queremos e acreditamos ser merecedores.

⁴⁶ Ter regras, cumpri-las e fazê-las cumprir. É a promoção da segurança jurídica: de saber que os criminosos serão punidos; que não há homens acima das leis; que não há jeitinhos para burlar as regras; que a posição social de um indivíduo (sua riqueza, *status*, cargo, fama) não lhe outorga privilégios. Além do cumprimento das leis administrativas, também o cumprimento das leis morais: termos uma sociedade ética, voltada para os bons valores, em que os homens em cargos públicos sejam exemplo de correição, assim como os mais abastados tenham o comprometimento moral de auxiliar os menos favorecidos pela vida. (nota acrescentada na versão 1.1)

⁴⁷ E nisso meu discurso se torna o de um dogmático doutrinador com regras normativas axiomáticas regulamentares. E eu me transformo opressoramente num opressor que oprime os oprimidos. |:^p)

⁴⁸ Desnecessário coerção. Basta eliminar as possibilidades de corrupção. Ex.: se todas as contas públicas forem divulgadas, não há espaço para desvio de verbas.

4º Parte – Crítica à postura do brasileiro

Dentre as várias críticas minhas à conduta displicente do brasileiro, a mais relacionada à questão da Educação no Brasil é sobre quando sua rotineira procrastinação torna-se delegação. Brasileiro é um ser procrastinador por natureza: deixa tudo para última hora. "*Por que fazer algo amanhã, se posso fazê-lo depois de amanhã?*"⁴⁹ Está no nosso sangue. A gente deixa para ir ao banco quando está fechando, paga as contas não só no vencimento, chega atrasado aos compromissos, vê só no dia o que é para fazer. E assim seguimos. E sempre damos conta do recado. Ou quase! A gente tenta, né?! Deixar para a última hora é normal para nós e não critico isso. É o nosso modo de lidar com as responsabilidades. A gente sabe que tem que resolver e resolve. Só que um pouquinho depois...

Essa disposição dos indivíduos, quando somada a iguais disposições dos demais membros do corpo social⁵⁰, forma a disposição geral da sociedade. Somos uma sociedade de procrastinadores. Isso foi bem evidenciado nos grandes eventos. O Brasil sediou a Copa do Mundo e as Olimpíadas em um mesmo biênio. Os jogos "*à la Brasil*" como ficaram conhecidos pelo mundo afora mostraram a todas as outras nações nosso peculiar modo de lidar com as responsabilidades. Ficou tudo pronto, quase um brinco. Um probleminha aqui, outro lá... Nada que um jeitinho não resolvesse.

Mas a maior gravidade não é a falta de seriedade e a indisciplina para lidar com as obrigações. A falta, que considero uma falta gravíssima na conduta do brasileiro, está no nefasto costume de delegar a responsabilidade para outra pessoa resolver. É o que chamo de "Síndrome do Messias":

"Alguém tem que resolver isso!"

"Este é um problema grave, alguém tem que dar uma solução!"

"Isso é um absurdo e ninguém faz nada!"

"Alguém precisa fazer alguma coisa a respeito!"

"Tinha que aparecer alguém para dar um jeito nesta situação!"

E você não é alguém? Por que você não vai lá fazer alguma coisa?

Uma das piores características do brasileiro é essa perene esperança ou expectativa de que apareça um "salvador da pátria"⁵¹. O brasileiro espera continuamente por um messias que magicamente resolverá em seu lugar todos os problemas do país, da comunidade, do trabalho, da rua, do prédio, sem que o mandrião tenha que fazer qualquer coisa, que se esforçar minimamente, que sair de seu conforto. Sinto que o brasileiro vai empurrando os problemas com a barriga na vã esperança de que apareça alguém que faça o serviço por ele. Uma fada-madrinha cantarolante, talvez⁵². Ingênua ilusão, pois todos os outros estão esperando a mesma coisa, e ninguém fará nada mesmo. Até que a coisa exploda na mão de um, que vai ter de se virar para resolver. E sozinho, porque os outros pularam para fora do barco há muito tempo. O esporte nacional do país não é o futebol, e sim o jogo da batata-quente.

Isso lamentavelmente reflete-se também na questão da Educação. Conforme repeti-me tantas vezes, a Educação é um projeto para o futuro. É o processo como educamos e instruímos os jovens de hoje para serem a sociedade de amanhã, reflexo de nossa própria. Nesses jovens depositamos nossos sonhos, nossas ideologias, nossos valores e nosso afeto. E através deles sentimos que nosso trabalho e nossas realizações continuam de alguma forma. Eles carregarão o melhor, e também o pior, de nós adiante, assim como hoje nós carregamos o resultado das ações de nossos antepassados. É na vida dos filhos que se vêem as virtudes e os vícios dos pais.

⁴⁹ Inspirado por Pica-pau - Os trabalhadores da floresta, 1951: "*Por que se preocupar com o amanhã, se ele termina depois de amanhã?*" O conto da cigarra e da formiga é um bom exemplo de como o trabalho justo edifica o homem. Primeiro trabalha-se para depois usufruir dos resultados.

⁵⁰ Pessoas, empresas, Estado. Ninguém escapa da disposição proteladoramente proteladora generalizada.

⁵¹ Não consegui identificar se essa expressão já existia ou se se originou da novela homônima de 1989.

⁵² Ou o gênio da lâmpada, dependendo do gosto musical.

Este parágrafo resume todo o longo e minucioso trabalho que tive na confecção deste texto: quando acreditamos que a solução dos nossos problemas se dará pela educação dos jovens, estamos delegando a eles a responsabilidade de resolver esses problemas. Optamos por ensinar outros que eles resolvam os nossos problemas, em lugar de os resolvermos por nossa própria conta. Delegamos responsabilidade a pequenos sem poder de escolha, nem discernimento para decidir se aceitam ou não esse múnus. Num insensato desdém, tornamo-los vítimas da "Síndrome dos Pequenos Messias", dando a eles não o que temos de melhor, mas o que temos de pior: problemas sociais que não resolvemos. E convictos de que eles os resolverão por nós, não enxergamos a realidade seguinte.

Daqui a vinte anos, eles não terão os nossos problemas presentes. Terão os problemas de daqui a vinte anos! Problemas esses em muita parte derivados dos que nós mesmos não resolvemos quando de nossa época. Ou seja, além de não resolvermos as prementes questões sociais, delegamos a nossa responsabilidade exatamente a quem deveríamos proteger e resguardar das adversidades.

Nossas descompromissadas ações têm um gravíssimo impacto hoje e no futuro. Hoje deixamos de aproveitar uma vida melhor para nós mesmos. Ao procrastinar nossas tarefas, deixamos para depois também a oportunidade de vivenciar um mundo melhor construído por nós mesmos. Amanhã veremos nossos filhos, os jovens de agora, tendo de lidar com nossa própria incompetência, nosso próprio descaso com relação à vida, nossa própria irresponsabilidade.

E ensinamos para eles essa moral perversa. Educamo-los a deixar para outros resolverem, a continuar passando adiante. E o sistema de educação cumpre perfeitamente seu papel: o de gerar uma sociedade que reproduza a anterior. Prendemo-nos num deturpador ciclo vicioso, que arrasta gerações numa crise social sem fim. Numa esperança de um país melhor que nunca se concretiza. E o Brasil continua sendo o país de um futuro que nunca chega.

5ª Parte – Um convite moral

Este é um convite que faço a você, leitor, que me deu a oportunidade até aqui de expressar meu pensamento. Convido-o a refletir sobre a diferença entre esperar melhorar no futuro ou viver num futuro melhor. Entre deixar para depois as mudanças que reconhecemos precisam ser feitas agora, deixá-las para serem realizadas por outros que não têm qualquer responsabilidade sobre nossos próprios erros, ou tomarmos em nossas próprias mãos o controle de nosso destino e fazermos hoje o mundo que queremos para nós e nossos descendentes.

Há um ditado muito antigo que me ensinou uma importante lição. Diferentemente do que nos ensinaram, não somos herdeiros de nossos antepassados. Este mundo não é uma herança de nossos pais. Este mundo nos foi emprestado por nossos filhos. Nós estamos aqui só de passagem. Por isso, acredito que é nossa obrigação moral deixar um mundo melhor do que aquele que nos foi legado.

Pedro Figueira Almeida Alves